

Vendo a situação do Brasil, penso no meu nonno e acho que ele diria algo assim:

“eu falei”.

Vou explicar. Meu nonno nasceu em 1895, na Itália e, ainda criança, veio para o Brasil. Ele viu de longe a 1ª Guerra Mundial, mas sentiu na pele a carestia de alimentos básicos, como farinha de trigo e açúcar, durante a 2ª Guerra.

Na década de 60, nos anos que precederam o golpe militar de 1964, o clima que pairava em boa parte da sociedade era o medo de que o Brasil se transformasse em comunista. E ele ria de quem expressava esse medo dizendo: “não se preocupe, se vier o comunismo, o brasileiro avacaia (um neologismo de avacalhar, que significa tirar sarro, não levar a sério)”.

**Pois bem, repito: vendo a situação do Brasil, penso nessa expressão do meu nonno, que virou uma espécie de anedota familiar, e acho que ele diria algo assim: “eu falei, o brasileiro avacaia”. No caso atual, quem avacaia é o próprio governo e a presidente Dilma.**

A presidente se superou em atos nas trapalhadas que vinha expressando verbalmente. A principal delas foi (para usar uma expressão tão forte nos discursos de Lula), como nunca antes na história deste país, ter enviado ao Congresso um orçamento para o ano que vem com um déficit superior a R\$ 30 bilhões, ou seja, ela informa ao cidadão brasileiro que vai gastar essa módica quantia a mais do que prevê arrecadar. Meu nonno tinha ou não razão? O orçamento é um plano de dinheiro que qualquer família faz.

Agência Brasil



Proposta orçamentária foi entregue ao presidente do Senado, Renan Calheiros, pelos ministros Nelson Barbosa e Joaquim Levy

O responsável, em casa, faz uma lista com seu custo, ou seja, de quanto gasta com aluguel, energia elétrica, água, transporte, alimentação... e do quanto de dinheiro vai ganhar com o seu trabalho. O ideal, nesta conta, é que haja uns 20% de sobra do salário para ser poupado para algum plano futuro (como uma viagem ou compra de um carro, por exemplo) ou alguma emergência médica. No caso do governo, que por sua natureza não objetiva lucro, se deseja que ocorra um empate entre o que vai se arrecadar e o que vai ser gasto.

**Caro leitor, em sua casa, você já imaginou projetar um gasto superior ao seu salário? É isso o que a Dilma fez ao enviar ao Congresso o orçamento de 2016. Me diga, meu nonno tinha ou não razão? É pura avacalhação!** O que proíbe que Dilma faça o que qualquer responsável por qualquer família faria? Ou seja,

por que ela não corta gastos? Ela aventou a possibilidade (vejam se não é avacaliação!) de recriar um morto imposto (CPMF) num momento em que quase 40% do que é produzido no Brasil fica com o governo através de impostos. Ou seja, ela virou piada de si própria.

O problema é que essa história de avacaia é engraçada apenas enquanto anedota. A vida real precisa ser recolocada nos trilhos pela Dilma. Ela é a comandante. Mesmo diante de quadro tão grave a democracia deve ser respeitada. Não há nada até o momento que justifique a demissão da presidente, afinal o mundo governamental não é o do mercado. A regra não é a da vida privada. Um governo só pode ser “demitido” nas urnas. E isso é sagrado. Não vale a aposta do quanto pior melhor. Se piorar, ou apenas continuar ruim como está, quem leva não é o governo (ao menos agora), mas o cidadão.